INVISÍVEIS

INVISÍVEIS

Como o amor nos abre os olhos
para pessoas marginalizadas

TERENCE LESTER

Traduzido por Susana Klassen

MC
mundocristão

Copyright © 2019 por Terence Lester
Publicado originalmente por InterVarsity Press, Downers Grove, Illinois, EUA.

Os textos bíblicos foram extraídos da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Editora Mundo Cristão, sob permissão da Tyndale House Publishers.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

L635i

Lester, Terence
Invisíveis : como o amor nos abre os olhos para pessoas marginalizadas / Terence Lester ; prefácio Dave Gibbons; tradução Susana Klassen. - 1. ed. - São Paulo: Mundo Cristão, 2021.
208 p.

Tradução de: I see you : how love opens our eyes to invisible people
ISBN 978-65-86027-86-0

1. Igrejas e minorias. 2. Igreja e problemas sociais. 3. Amor - Aspectos religiosos - Cristianismo. I. Gibbons, Dave. II. Klassen, Susana. III. Título.

21-68930

CDD: 259.08
CDU: 2-485

Categoria: Cristianismo e sociedade
1ª edição: junho de 2021

Edição
Daniel Faria

Revisão
Natália Custódio

Produção e diagramação
Felipe Marques

Colaboração
Ana Luiza Ferreira

Capa
Jonatas Belan

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Dedico este livro a toda criança que passou um dia sem uma refeição ou sem água potável; a toda pessoa sem-teto negligenciada, desprezada ou à qual foi negado abrigo; a toda pessoa à qual foram negados direitos básicos de saúde; a toda pessoa afetada por planos políticos mal elaborados; a toda pessoa vítima da gentrificação urbana decorrente de cobiça e desdém; a toda pessoa que trabalha horas a fio por um salário de fome acrescido de desespero; aos bilhões de pessoas que lutam contra a pobreza em nosso país e no mundo.

Que nosso coração seja tocado para que sintamos sua dor, e que essa dor flua por nossas mãos em forma de serviço.

Eu vejo você. Nós vemos você!

Com afeto (*in memorian*)
a Jason King e ao Reverendo Elroy Moore

Sumário

Prefácio à edição original 9
Prefácio à edição brasileira 13

Introdução: Em busca de um lar 17
1. Desmistificando a pobreza 29
2. Não há motivo para medo 49
3. Criando espaço nas margens de suas páginas 73
4. Quanto é suficiente? 89
5. A ignorância pode ser prejudicial 103
6. Você faz parte da solução 117
7. Comunidades diferentes, necessidades diferentes 129
8. Dignidade e como ver as pessoas 143
9. Criando comunidades 159
10. Criando ritmos constantes 173
Conclusão: Cada um é importante 183

Agradecimentos 191
Perguntas para reflexão e discussão 195
Sobre a organização Love Beyond Walls 200
Notas 201

Prefácio à edição original

Pensaram que tinham nos enterrado, mas não sabiam
que éramos sementes.

Provérbio mexicano

Há um bocado de conhecimento e inúmeras palestras inspiradoras sobre como lidar com pobreza sistêmica e situação de rua. Poucos mergulham no trabalho árduo da justiça e perseveram nele. E um número ainda menor ama sem impor condições.

Terence é uma dessas raridades. Ele caminhou mais de mil quilômetros de sua casa até Washington, DC, para divulgar a situação daqueles que lutam para sobreviver nos cantos escuros de nossas cidades. Em prol da mesma causa, caminhou 640 quilômetros até o Hotel Lorraine, em Memphis, para os eventos que marcaram os cinquenta anos do assassinato de Martin Luther King Jr. Terence passou por dificuldades que teriam levado muitos de nós a desistir, mas ele se pôs de pé e começou a caminhar.

Vivemos em uma cultura inebriada com informação; cremos que mudança é sinônimo de ouvir uma revelação que nos cause arrepios. Pode acontecer em um congresso, em um culto da igreja ou enquanto ouvimos nosso *podcast* inspirador predileto. É possível que endorfina seja liberada e cause em nós sensações físicas quando ouvimos uma informação

reveladora, mas a verdade é que não mudamos. A verdade é que não fizemos nada. Sentimos algo, mas não agimos em função da realidade que nos foi revelada.

Apaixonei-me por este livro devido ao modo como Terence compartilha as próprias lutas. Aliás, ele vai além de sua história de sofrimento e escolhe entrar no espaço de outros que estão em busca de algo mais. Em vez de escolher o local mais gentrificado e descolado, procura os cantos em que a beleza não fica evidente de imediato.

Terence é um homem com uma missão e busca incansavelmente as sementes plantadas em lugares sombrios e sujos, abaixo da superfície visível à maioria. O contexto de dor dentro do qual ele escreve é real e toca o coração. Sua intenção não é despertar pena, mas prover esperança para todos nós que também sofremos. Não nos desafia a fazer caridade, mas a amar sem condições, sem limites. Ao ler estas páginas, você verá que não falam apenas de pobreza ou de conceitos equivocados a respeito de pobreza; antes, Terence apresenta maneiras reais e comprovadas de tratar da pobreza na prática.

Durante os últimos catorze anos, Terence tem dedicado toda a sua vida, em afetuosa parceria com sua esposa e família, a servir aos vulneráveis presos nas garras mortais da pobreza. Ele teve experiência pessoal, na infância e na juventude, com os traumas e os desafios associados à escassez. Sua voz tranquila e sua amabilidade nascem desses lugares escuros.

Em meio a uma dolorosa jornada, Terence se mostra inteiramente dedicado a sua família e a seu círculo de amigos. Com humildade e amor, questiona atitudes e crenças a respeito daqueles que sofrem com a pobreza. É extremamente criativo, comprometido, pragmático e abnegado. Essas características ficam evidentes em tudo o que ele faz. É possível ver seu foco

aguçado, sua resiliência e sua alegria enquanto ele serve àqueles que geralmente não são vistos, os desajustados e marginalizados. Começou uma ONG que, como extensão natural de seu coração, chamou de Love Beyond Walls [Amor Além dos Muros].

Leia este livro com avidez e permita que Terence lhe comunique gentilmente o que está na alma dele. Terence o ajudará a ver a pobreza com outros olhos. Não deixará que você caia em desespero, mas o conduzirá à terra prometida da esperança, em que soluções reais e amor o aguardam. Prepare-se para reflexões profundas que o levarão a amar além dos muros e participar das mudanças. Acompanhemos o autor a lugares que outros não ousam visitar. Rompamos a escuridão e descubramos mais sementes prontas para ver a luz do dia.

Caminhando com você, Terence!

DAVE GIBBONS
Conselheiro, palestrante e autor

Prefácio à edição brasileira

Confesso que, quando convidado a prefaciar este livro do autor Terence Lester, dois pensamentos permearam minha mente. O primeiro foi afirmar que seria mais uma metodologia com o propósito de impor a colonização na linha *american way of life*, maquiando a desumanidade exercida pelos opulentos, transcrevendo uma vida triunfalista e não revelando as diferenças sociais, raciais e econômicas criadas por aquele país.

O segundo pensamento foi que se tratava de mais um livro carregado de piedade moral, sem relacionamento íntimo e direto com o miserável, descrito nas estatísticas de exclusão da dignidade, legitimando, dessa forma, um evangelho somente de palavra, no qual "deus" está interessado na tríade da felicidade pessoal que corresponde a trabalhar, voltar para casa e ir à igreja.

Os conceitos acima eu concebi ao longo de anos na busca por pensadores que pudessem cooperar com o trabalho realizado pelo ministério do qual faço parte há três décadas, desenvolvendo relacionamentos com pessoas em situação de rua e morando com alguns vulneráveis do centro urbano. Na maioria das vezes, contudo, deparava com métodos e caminhos para a felicidade.

Desta vez, porém, quando iniciei a leitura, percebi nas entrelinhas do livro um ser humano com marcas profundas de sofrimento que não se deixou abater pela violência que

recebeu durante a vida. Em lugar disso, foi inspirado por algumas pessoas e principalmente por sua mãe, pobre e solitária, que superou os obstáculos trabalhando e estudando para receber o título de doutora em psicologia. Com isso, o escritor sobrepujou as marcas impostas pela sociedade segregacionista a fim de lutar pelos pobres de seu país.

Admiro pessoas resilientes e abnegadas. Terence Lester, por seus escritos, tornou-se para mim essa pessoa. É, também, um homem aguerrido e determinado, a ponto de fazer duas marchas com uma distância considerável — de Atlanta para Washington e outra para Memphis — sendo afrontado ao longo caminho, tudo isso com o intuito de chamar a atenção dos noticiários para o povo invisível e miserável dos Estados Unidos. Além disso, no livro ele também descreve a organização na qual exerce seu ministério, uma organização comprometida com a vida integral das pessoas indefesas, levando-as a alcançar uma vida menos sofrida.

Ao longo dos capítulos, o autor vai combinando seu conhecimento bíblico com as experiências que vivenciou no passado e vivencia no presente. O objetivo é levar o leitor a ressignificar a própria existência, assumindo o serviço como um estilo de vida, e não um evento. Assim, ao ler este livro, você talvez também consiga encontrar pessoas vulneráveis e com desejo de sair da invisibilidade. Quem sabe possa ser usado por Deus, sem medo, para cooperar na minimização do sofrimento desses seres humanos fragilizados que têm histórias carregadas de significado.

Por fim, Lester denuncia ainda a endêmica ganância de seu país, o sistema capitalista como divisor da sociedade, que valoriza as pessoas pelo que elas adquirem, e o crescente abismo econômico entre ricos e pobres, além de escancarar o

longevo racismo em uma nação que se apresenta como cristã e pacífica.

Quero brindar com a Editora Mundo Cristão e com você, leitor, a chegada desta obra imprescindível para as pessoas que servem e que gostariam de dar mais um passo em direção aos *Invisíveis*.

PAULO CAPPELLETTI
Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo e fundador da Missão SAL (Salvação, Amor e Libertação), dedicada a atender pessoas em vulnerabilidade nas cidades de Santo André, Itaquaquecetuba e Curitiba

Introdução

Em busca de um lar

Certa manhã de sexta-feira em novembro, fui visitar meu amigo Kurt (que, na época, morava na rua) e levá-lo para tomar café. Estacionei perto de um prédio abandonado no centro de Atlanta, onde ele geralmente ficava. Vi Kurt do outro lado da cerca enferrujada ao redor do prédio. Ele se arrastou por baixo de uma pequena abertura na cerca e parou junto ao carro para conversar comigo. Lixo cobria o chão do lugar em que Kurt e os outros ficavam.

Voltei-me para ele e perguntei:

— Você se importa se eu tirar uma foto sua?

— Me importo, sim — ele respondeu. — Vai usar essa foto pra quê?

— Só quero contar sua história. Falar para as pessoas sobre as realidades que você enfrenta.

— Vamos fazer o seguinte — disse ele. — Se me arranjar um travesseiro, deixo você tirar minha foto.

— Tudo bem. Que tal você pegar o travesseiro que está usando agora? — sugeri. — Você pode colocá-lo na frente do rosto, para ninguém vê-lo. Tiro sua foto, publico nas redes sociais e digo para as pessoas que meu amigo precisa de um travesseiro. Aí a gente vê quem se mobiliza e repara em você. (Não levou mais que uma hora para alguém assumir o compromisso de comprar um travesseiro para Kurt.)

Conversamos por mais um tempo. Rimos e fizemos piadas da vida e de lanches *fast-food*. A essa altura, Kurt e eu éramos

amigos havia mais de três meses, e me senti à vontade para lhe perguntar sobre seus planos. Disse-lhe:

— E aí, cara. Tá frio. E vai esfriar ainda mais.

Enquanto eu falava, via o vapor saindo de minha boca. Prossegui:

— Posso levar você para um albergue... — ele me interrompeu quase de imediato.

— Não, não, não. Pra albergue eu não vou.

— Por quê? Pelo menos você fica protegido do frio e da chuva.

Kurt descreveu o albergue que ele conhecia nas redondezas: o cheiro e o número de pessoas nos quartos, como teve de dormir em cadeiras e o fato de que só havia um banheiro, sem falar na criminalidade ali dentro que tornava impossível pegar no sono.

— É mais confortável aqui — disse ele, apontando para o terreno cheio de lixo em que estávamos. — É mais confortável aqui do que em um desses albergues.

Em seguida, observou:

— Aposto que você não dormiria em um albergue. Aposto que não sobreviveria uma noite ali. E, se sobrevivesse, estaria aqui atrás desse prédio comigo antes de o dia amanhecer.

Fiquei estarrecido. Seu desafio estourou minha bolha de comodidade.

— Eu topo. Vou dormir no albergue! — disse-lhe. Na época, nenhum de nós levou essa declaração muito a sério.

Ele riu.

— Verdade, cara? Não acredito. Você vai ter que me mostrar.

Continuamos fazendo piadas e passamos mais uma ou duas horas conversando antes de eu dizer que precisava buscar o travesseiro dele.

Entrei no carro com um turbilhão de ideias em minha mente. Três semanas depois, voltei para visitar meu amigo Kurt e lhe dizer que eu ia ficar no albergue. No entanto, o plano não deu certo e, no fim das contas, fui me abrigar debaixo de um viaduto no centro de Atlanta, junto com outras cinquenta pessoas que moravam ali em barracas.

No conforto de nossos lares, é difícil entender a complexidade de coisas como pobreza e situação de rua. É necessário ouvir as histórias daqueles que vivenciam essas realidades: as crianças nascidas nas ruas, pessoas que perdem tudo por causa do falecimento de um ente querido ou em razão de problemas de saúde inesperados, jovens nas ruas em decorrência da instabilidade de suas famílias ou porque se identificam com a comunidade LGBTQ+, mulheres que tentam escapar de violência doméstica e pessoas que perderam um emprego com bom salário. Quer você tenha experimentado esse tipo de realidade quer não, há princípios universais com os quais nos identificamos quando se trata de procurarmos um lar.

Minha busca por um lar

Levou muito tempo para eu entender por que tinha tanto desejo de ajudar aqueles que vivenciam pobreza e situação de rua. Embora essa realidade estivesse ao meu redor na infância e adolescência, nunca tinha morado na rua por um longo período. Ao escrever este livro, porém, comecei a perceber por que essa questão mexia comigo e por que talvez mexa com você.

Meus pais se separaram quando eu era pequeno, e cresci vendo minha mãe lutar para nos criar sozinha. Ela fazia todo o possível para que minha irmã mais nova e eu não precisássemos nos preocupar com o que comeríamos ou onde

ficaríamos. Aliás, minha mãe foi minha primeira heroína, e me mostrou desde cedo o poder do trabalho dedicado e da resiliência. No entanto, a separação de meus pais me deixou confuso e, em muitos aspectos, é algo difícil até hoje. Não sei ao certo se os filhos se recuperam plenamente de separações, mas sei que eles nunca se esquecem. Ao olhar para trás, vejo que esse acontecimento desencadeou minha busca por um lar. Levou-me a questionar o que constitui um lar e por que o meu lar pareceu sumir tão repentinamente.

Interiorizei muitas experiências pelas quais passei na infância, o que causou uma série de problemas durante a adolescência. Eu era uma estatística ambulante: tinha um relacionamento precário com meu pai, estava em situação de risco e fazia escolhas imprudentes. Nunca me esquecerei do dia em que me rebelei tanto contra minha mãe que saí de casa e fui morar no meu carro. Era um garoto na metade da adolescência, desencaminhado e à procura de identidade. Disse para minha mãe que não queria mais estudar, uma narrativa comum para um rapaz afro-americano sem o pai presente no lar. Quando ela me disse que se eu quisesse morar na casa dela teria de ir à escola, fui embora. Em retrospectiva, creio que fugi.

Não demorei muito a perceber que o estudo era uma das poucas formas de sair da situação em que estava. Voltei a estudar, mas continuei a morar no meu carro em um estacionamento perto da escola ou na casa desse ou daquele amigo. Muitas vezes, minha mãe nem sabia onde eu estava. Posso apenas imaginar quanta angústia lhe causei. Um amigo, Jeremy, que tinha 18 anos e trabalhava, descobriu que eu estava morando no carro e pediu permissão à mãe dele para que eu ficasse em sua casa alguns dias. O sim da mãe de Jeremy me ajudou a terminar os estudos e a seguir em frente mesmo